



## **MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, OPINIÃO PÚBLICA E MÍDIA: UM BALANÇO DA COBERTURA MIDIÁTICA E DAS PESQUISAS QUANTITATIVAS SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016**

Resumo - O artigo analisa as disputas pelo significado dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro 2016 junto à opinião pública, com base na quantificação dos discursos midiáticos colhidos antes, durante e depois do evento. De início, reconstitui-se a ambiência e o noticiário dos preparativos, com o argumento de que, a despeito da projeção transescalar das Olimpíadas, o protagonismo local de políticos e autoridades da cidade concedido pelos meios de comunicação e pelas sondagens de opinião vincula-se ao debate organizacional em torno do calendário execução de obras e infraestruturas requeridas da prefeitura. Argumenta-se, em seguida, que o início dos jogos reposiciona o foco da mídia e dos institutos de pesquisa para a performance das competições propriamente ditas e altera a mensuração do olhar da população com relação à recepção e à percepção do valor do evento internacional para o país. Em um terceiro e último momento, o texto volta-se à tabulação da sondagem de indicadores valorativos da estatística das informações veiculadas pelas agências de notícias selecionadas, numa sistematização proposta pelos autores que escande como “neutras”, “positivas” ou “negativas” as matérias associadas à trigésima primeira edição de verão das Olimpíadas.

Palavras-chave: megaeventos esportivos; Jogos Olímpicos Rio 2016; meios de comunicação; pesquisa quantitativa; opinião pública.

### **SPORTS MEGAEVENTS, PUBLIC OPINION AND MEDIA: BALANCE OF MEDIA COVERAGE AND QUANTITATIVE RESEARCH ON RIO 2016 OLYMPIC GAMES**

Abstract – This article analyzes the disputes over the meaning of the Rio 2016 Summer Olympics in public opinion based on the quantification of media discourses collected before, during and after the event. The initial part of this article reconstitutes the ambience and the news on the preparations to argue that, despite the Olympics’ over-scale projection, the media-granted local protagonism of politicians and city authorities is linked to the organizational debate around the execution schedule of infrastructure works required by the City Council. Following, we argue that the opening of the games moves the focus of both the media and research institutes to the competition per se, changing the assessment of the general population with regard to the reception and value of the international event. Lastly, the article summarizes the statistical value indicators collected from the selected news agencies in a systematization proposed by the authors that gauges the articles associated with the 31st edition of the Summer Olympics as “neutral”, “positive” or “negative”.

Keywords: sports megaevents; Olympic Games Rio 2016; media; quantitative research; public opinion.

### **MEGAEVENTOS DEPORTIVOS, OPINIÓN PÚBLICA Y MEDIOS DE COMUNICACION: UN BALANCE DE LA COBERTURA MEDIÁTICA E INVESTIGACIÓN CUANTITATIVA EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE RÍO 2016**

Resumen - El artículo analiza las disputas sobre el significado de los Juegos Olímpicos en Río de Janeiro 2016 en la opinión pública, basándose en la cuantificación de los discursos de los medios de comunicación recopilados antes, durante y después del evento. En primer lugar, reconstituye el ambiente y las noticias de los preparativos con el argumento de que, a pesar de la proyección trascendental de los Juegos Olímpicos, el protagonismo local de los políticos y las autoridades de la ciudad otorgado por los medios y las encuestas de opinión está vinculado al debate organizacional sobre el cronograma de ejecución de obras e infraestructuras requeridas por la alcaldía. En segundo lugar, argumenta que el inicio de los juegos reposiciona el enfoque de los medios de comunicación y los institutos de investigación en el desempeño de las propias competiciones y cambia la evaluación de la población acerca de la recepción y percepción del sentido del evento internacional para el país. Y en tercer lugar, presenta la tabulación de la encuesta de indicadores de valoración de las estadísticas de informaciones transmitidas por las agencias de noticias seleccionadas, en una sistematización propuesta por los autores que caracterizan como “neutrales”, “positivos” o “negativos” los artículos asociados a la trigésima primera edición de verano de los Juegos Olímpicos.

Palabras-clave: megaeventos deportivos; Juegos Olímpicos Río 2016; medios de comunicación; investigación cuantitativa; opinión pública.

*Bernardo Borges  
Buarque de Hollanda*

*Escola de Ciências  
Sociais*

*Fundação Getúlio  
Vargas, Brasil*

*bernardo.hollanda@fgv.br*

*Jimmy Medeiros*

*Escola de Ciências  
Sociais*

*Fundação Getúlio  
Vargas, Brasil*

*jimmy.medeiros@fgv.br*

*[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v4.id88](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id88)*

*Recebido: 24 fev 2020*

*Aceito: 22 mai 2020*

*Publicado: 7 jun 2020*

*Uma primeira versão  
deste artigo foi  
publicada como capítulo  
no livro Calabre L,  
Cabral EDT, Siqueira  
M, Fonseca LV.  
Memória das olimpíadas  
no Brasil: diálogos e  
olhares. Rio de Janeiro:  
Fundação Casa de Rui  
Barbos; 2017.  
Disponível  
em: <https://bit.ly/2Y2vDgs>*

## **Introdução\***

O presente artigo tem um duplo propósito. Primeiro, propõe-se destacar as percepções mais gerais da população brasileira acerca do significado das Olimpíadas realizadas na cidade do Rio de Janeiro. Segundo, objetiva-se entender o valor atribuído pelos meios de comunicação a determinados aspectos do evento, em especial os relativos à organização e à preparação do torneio. Com base em fontes escandidas antes, durante e depois da sua realização, a finalidade precípua é acompanhar o registro mais amplo das oscilações valorativas do público acerca das positivities e negatividades dos Jogos. Feito isto, será possível identificar as ênfases destacadas e construídas pelas notícias da mídia, ao cobrir os meses que antecederam, compreenderam e sucederam aos Jogos Olímpicos Rio 2016.

O artigo está, pois, estruturado em três partes constitutivas. A primeira traça um panorama geral da ambiência de realização dos Jogos, ao longo das três semanas de competição, ocorrida no mês de agosto de 2016, com vistas a contextualizar e a pinçar elementos causadores de repercussão e de “falação esportiva”<sup>1</sup>.

A segunda seção procura apresentar e descrever os dados opinativos registrados pelos principais órgãos de opinião pública, mediante o acompanhamento das mudanças de percepção da população no decorrer dos Jogos, feito a partir das mensurações estatísticas divulgadas por reconhecidos institutos.

A terceira parte se debruça sobre os dados selecionados pela mídia para registrar e informar o dia a dia olímpico, com o respectivo agrupamento e com a seleção das informações tipificadas como “positivas”, “negativas” e/ou “neutras”.

Na conclusão, serão alinhavados os argumentos centrais do artigo, erigidos com base no material empírico, e serão tecidas considerações de ordem metodológico-conceitual. Visa-se discorrer acerca da maneira pela qual a historiografia e as ciências sociais<sup>2,3</sup>, sem abrir mão de uma perspectiva crítica e problematizadora<sup>4</sup>, podem lidar tanto com mecanismos quantitativos de informação – a exemplo das sondagens estatísticas de opinião pública – quanto com as reportagens jornalísticas divulgadas nos portais de notícia da Internet.

---

\*A pesquisa contou com o apoio no levantamento de dados de Luigi Bisso, bacharel em Ciências Sociais e mestre em História, durante bolsa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq.

### **A crônica jornalística: uma ambiência do torneio entre críticas, polêmicas e euforia**

Embora seja um evento de duração relativamente curta, circunscrita a um espaço temporal de menos de três semanas, a organização das Olimpíadas compreende um longo período prévio, que se dilata por pelo menos sete anos de preparação. Para a população anfitriã, entretanto, foi somente no princípio do mês de julho de 2016 que sua realização começou a se intensificar e a se materializar. A concretização, para muitos, deu-se quando atletas das mais variadas delegações nacionais começaram a desembarcar nos aeroportos do Rio de Janeiro e que turistas de diversas latitudes aportaram no país.

Tido e havido como o maior evento esportivo do planeta, os meios de comunicação de massa realizaram uma cobertura extensiva sobre cada momento que antecedeu a cerimônia de abertura oficial dos Jogos, ocorrida no dia 05 de agosto. Naquela altura, parte expressiva dos noticiários e dos editoriais apontava uma cidade cercada de dúvidas, posto que, à primeira vista, e apesar de experiências anteriores, parecia pouco preparada para receber um evento de tal magnitude e projeção.

Uma série de fatos e de incidentes, alguns deles até certo ponto banais, foi assinalada pela imprensa e corroborou para gerar essa impressão cética. As informações passavam por erros técnicos de construção dos prédios da Vila Olímpica e ressaltavam declarações inapropriadas do prefeito da cidade, Eduardo Paes. Sempre envoltas em controvérsias sobre cronogramas de execução, foram acentuados os contratemplos e os atrasos no apronto dos equipamentos, as dificuldades na articulação da rede de transportes, em particular a instalação do VLT (Veículo leve sobre trilhos) e do BRT (Bus Rapid Transit), a crônica crise do sistema de segurança que assola a cidade há décadas, haja vista os percalços nos últimos anos na manutenção das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), e as dúvidas sobre a real capacidade de hospedagem dos turistas nacionais e estrangeiros.

A imprensa, escrita, falada e televisada, assim como a virtual, enfatizou inúmeras falhas de planejamento para os Jogos, negligenciadas ou minimizadas por sua vez pelo governo e pelas autoridades locais. A seleção das informações procurou estimular visões controvertidas e, conforme expressou o presidente do Comitê Olímpico Internacional, o alemão Thomas Bach, as Olimpíadas do Rio seriam afinal executadas “à brasileira”, em tácita referência à improvisação administrativa. A justificativa para seu comentário, entre irônico e crítico, baseava-se na crença otimista do governo de que, ao fim e ao cabo, os

Jogos transcorreriam sem maiores estorvos. A expressão, em contrapartida, dizia algo da imagem externa do país, com a suposição de senso-comum de que este não levaria a sério seu compromisso internacional.

Se, em eventos de grande complexidade, problemas operacionais são esperáveis, a cobertura da mídia tendeu a salientar toda uma infraestrutura inacabada ou feita às pressas pelos responsáveis brasileiros, em nível federal e municipal. Isto se dava até mesmo em fatos mezinhos, como a verificação de aparelhos de ar condicionados quebrados na Cidade Olímpica, construída na Barra da Tijuca, área nobre do Rio, onde se localizava o chamado “coração dos Jogos e alma do negócio (p. 54)”<sup>5</sup>.

As falhas estruturais que mais chamaram a atenção foram as da Vila Olímpica, também na Barra, zona oeste do Rio, cuja abertura revelou problemas técnicos e o mal acabamento de diversas instalações. Estes foram alvo de duras críticas da imprensa e das equipes visitantes, como a desferida pela delegação australiana, que preferiu hospedar seus atletas em hotéis, até que a área residencial olímpica estivesse preparada para recebê-los. As delegações da Itália, Suécia e Japão seguiram o exemplo da Austrália e tomaram as mesmas providências, chegando a pagar equipes de pedreiros e engenheiros elétricos para terminar os apartamentos antes do início dos Jogos.

O então prefeito da cidade, Eduardo Paes, depois de pedir desculpas públicas por comentários desarrazoados frente às reclamações da delegação australiana, admitiu a incompletude das obras no tempo estimado. Foi necessário assim mobilizar um contingente maior de funcionários para contornar o descumprimento do prazo. Os problemas de gestão não se restringiram à seara técnica. Eles disseram respeito também a questões de monitoramento e de tecnologia de segurança. Antes do início dos Jogos, por exemplo, houve o registro de roubo de aparelhos eletrônicos de atletas. O assunto foi um dos mais retratados pelos veículos de comunicação, nas vésperas do princípio dos Jogos.

Mas a Vila Olímpica não foi o único tema a atingir a Prefeitura do Rio de Janeiro. Certas áreas do entorno da Cidade Olímpica foram anunciadas como parte do projeto de desocupação e de renovação do empreendedorismo urbano. Em virtude disto, protestos capitaneados por movimentos sociais contra as obras de reforma chamaram a atenção. Ativistas questionaram, por exemplo, a construção do campo de golfe olímpico em plena área de preservação ambiental, a Reserva de Marapendi. Moradores de comunidades da

zona oeste, por sua vez, chegaram a interpelar, na Justiça, as remoções ocorridas ao redor da Vila Autódromo, além das desapropriações promovidas pelo capital imobiliário no Morro da Providência, centro do Rio.

Outra mácula que antecedeu o torneio foi a queda da ciclovia Tim Maia, na encosta da orla marítima, responsável por fazer a ligação entre as praias da zona sul e de São Conrado, a caminho da zona oeste. O desastre, provocado por uma crassa falha de cálculo dos técnicos da Prefeitura, vitimou ciclistas e alarmou o COI sobre a qualidade das obras realizadas para os Jogos. O escândalo pautou a agenda da mídia por um considerável período de tempo. Com efeito, o incidente aumentou ainda mais a suspeição e a insatisfação da população carioca diante dos serviços oferecidos e construídos para o megaevento.

Na esfera governamental, havia ainda o temor de que protestos políticos, como os ocorridos durante a Copa do Mundo, viessem a se repetir durante os Jogos. Para agravar a conjuntura, o país enfrentou uma convergência de múltiplas crises, desde a turbulenta fase econômico-financeira, passando pela aguda instabilidade política nacional até o especialmente controverso processo de Impeachment sofrido pela ex-presidente Dilma Rousseff.

Outra preocupação estratégica do comitê organizador dos Jogos dizia respeito à política de segurança, de responsabilidade do governo do Estado, que se encontrava, por sua vez, enredado em profunda crise orçamentária. Com uma população de mais de seis milhões de habitantes e uma condição crônica de violência urbana, a cidade vivenciou um grande desafio, em termos logísticos, de gestão da ordem pública durante as Olimpíadas. As dificuldades se amplificavam na medida em que os Jogos tinham um raio policêntrico e realizavam-se em diversos pontos geográficos da cidade, do bairro da Barra até Copacabana, e da área central da zona portuária – o chamado Porto Maravilha – até a região de Realengo.

A preocupação com as condições de seguridade dos habitantes e dos visitantes foi acentuada pela conjuntura internacional. Os intensos atos de terrorismo ocorridos no mesmo período, e que se espalhavam pela Europa, pelos Estados Unidos, pela África e pelo Oriente Médio, levavam preocupação também ao Brasil.

As agências de inteligência brasileira, em especial a ABIN, apontavam para possíveis riscos de ocorrência de atos terroristas em solo nacional. A midiática cena de

prisão preventiva de doze brasileiros suspeitos de envolvimento com a ISIS – Estado Islâmico no Iraque e na Síria – reforçou ainda a percepção das forças de segurança de que um ataque era, ainda que remoto, factível. Por seu turno, o governo federal procurava manifestar o controle da situação, mediante o destacamento de tropas da Força Nacional e das Forças Armadas em pontos chaves da cidade, durante os dias dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

A ameaça de investida terrorista, ainda que baseada em suposições frágeis, não deveria ser de todo descartada. Dizia-se que a segurança do próprio cidadão brasileiro poderia estar ameaçada, conquanto o país jamais tivesse sofrido ações dessa natureza, ao permanecer longe da ação de grupos como a Al Qaeda e o Estado Islâmico.

Se muitos dos problemas enfrentados foram suficientes para criar uma ambiência pessimista, havia aqueles para quem os XXXI Jogos possuíam o potencial de ser uma das melhores edições do torneio, em termos organizativos e competitivos. A lisura das competições estava assegurada, na medida em que o COI tratava de afastar atletas e selecionados acusados de uso de doping, conforme ocorreu com a delegação russa de atletismo. Para gestores locais, o êxito em organizações pretéritas de megaeventos era um indicador de confiança do que estava por vir.

\*

Depois de sucessivas especulações, a chegada da cerimônia de abertura dos Jogos, no dia 05 de agosto de 2016, fez com que todo treinamento cedesse dar lugar à sua execução prática. Um conjunto de atores, dentre espectadores, atletas, autoridades, turistas, membros das delegações, diversos órgãos – Itamaraty, Embratur, Apex e Secom – além de jornalistas e voluntários, participou do festivo ato cerimonial de inauguração do evento. Já a cerimônia de encerramento ocorreu em 21 de agosto. Com a presença de pouco mais de duzentas delegações, tanto a abertura quanto o fechamento das Olimpíadas contrabalançaram a imagem negativa inicial e contribuíram para que o evento passasse a ser visto, por parcelas consideráveis dos meios de comunicação e da população, como um relativo sucesso.

Ante o pessimismo reinante, superaram-se ao final as expectativas negativas e o rol de problemas organizacionais que haviam perdurado até a abertura da competição. Os

quartos da Vila Olímpica, amplamente discutidos na mídia em razão do estado precário com que foram entregues, ficaram prontos dentro do prazo, mitigando a situação desfavorável enfrentada de início pela Prefeitura. Decerto que outros apareceram durante os Jogos, mas sua visibilidade foi diluída pelo interesse nas partidas e pelo frisson das disputas.

A segurança atuou sem maiores falhas que chamassem a atenção da imprensa. A virtualidade de uma investida do terrorismo afinal não se concretizou. Na outra ponta do maniqueísmo, durante o torneio, a cobertura da mídia passou a exaltar a “Cidade Maravilhosa” e a repercutir declarações estereotipadas de atletas estrangeiros acerca das belezas da cidade, com elogios à hospitalidade da população. Enquanto muitos dos protestos políticos durante a Copa de 2014 terminaram em confrontos violentos com a polícia, as manifestações nas Olimpíadas tiveram menor proporção e visibilidade. O mais das vezes, elas se restringiram a vaias, a cartazes e a camisetas envergadas nas arquibancadas, muitas delas relativas à polêmica sucessão política na presidência da República, que havia pouco se consumara.

Pode-se dizer que, pouco a pouco, à medida do seu transcurso, os Jogos da Rio 2016 passaram a receber um enfoque positivo da imprensa, com repercussões dentro e fora do país. Um dos pontos de inflexão das reportagens iniciou-se com a programação cênica, visual e pirotécnica da cerimônia de abertura. O espetáculo foi repercutido de maneira intensa nas redes sociais, com destaque para o consenso em torno da qualidade e do bom gosto do show oferecido pelo país organizador.

A apresentação artística foi considerada de elevada performance e de alto gabarito tecnológico. O enredo da exibição de abertura, no palco do Maracanã, procurou articular a formação histórica do Brasil. Depois de passar por cenas da história do país, a encenação desembocava na contemporaneidade, sem deixar de tratar do imaginário nacional, ao salientar a temática da violência e da favela, mas também, em chave positiva, da música popular reconhecida no exterior e da política de inclusão social que pautou o país nos últimos quinze anos.

A narrativa proposta pelos idealizadores do espetáculo, as cenógrafas Daniela Thomas e Deborah Colker e o publicitário e cineasta Fernando Meireles, aliados à direção musical de Marcelo Rubens Paiva, construiu-se com base em diversos ícones nacionais, em particular aquele mais conhecido fora do país. Mencionaram-se referências do

passado e do presente, a exemplo do avião Santos Dummont, proclamado como inventor da aviação; da composição Garota de Ipanema, executada pelo filho de Vinicius de Moraes, este último autor da antológica letra; e da modelo Gisele Bündchen, que desfilou sobre o gramado do Maracanã ao som da música de Vinicius.

Junto a imagens propagandeadas pelo governo, o tema da abertura preconizou o respeito à diversidade ambiental e cultural, étnica e racial. Salientaram-se os valores da tolerância e do diálogo entre os povos. Em meio à locução das atrizes Fernanda Montenegro e Judi Dench, cenas da natureza eram acompanhadas da leitura do poema A flor e a náusea, de Carlos Drummond de Andrade. Embaladas pelo espírito olímpico oficial, de fraternidade e comunhão, atletas de cada delegação depositavam sementes, que mais tarde viriam a ser plantadas em Deodoro, bairro da zona norte do Rio. Dentre os mais recorrentes estereótipos veiculados, foram tematizadas a preservação da natureza, a consciência ecológica e a importância da Amazônia para o futuro do planeta.

A abertura e o fechamento das Olimpíadas ocorreram no renovado estádio do Maracanã, espaço icônico e emblemático da brasilidade esportiva do século XX. Eles foram seguidos por telespectadores de todo o mundo, que assistiram ao desfile das mais de duas centenas de delegações presentes aos Jogos.

\*

Quanto às competições, a maioria dos jogos atraiu um contingente significativo de espectadores. Boa parte dos ginásios e das áreas poliesportivas teve suas dependências frequentadas por um médio público razoável. Isto se deu mesmo em disputas em que não havia a participação direta de atletas brasileiros. Em alguns casos, a baixa afluência de público nas tribunas, em determinadas modalidades menos conhecidas, fez com que a Prefeitura solicitasse ao COI ingressos gratuitos aos alunos da rede municipal de ensino, não sendo, entretanto, o pedido não foi atendido.

O público brasileiro recebeu atenção especial da imprensa por sua participação constante, às vezes incômoda, comportando-se de forma semelhante a torcedores em uma partida de futebol. Mais de um atleta sentiu-se prejudicado com a reação ruidosa e pouco polida dos presentes. Estes, em diversas ocasiões, vaiaram os atletas que competiam e disputavam medalhas com membros da delegação brasileira.

Outros foram alvos de apupos em razão de polêmicas anteriores, como a goleira da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos, Hope Solo. Ela havia aparecido nas redes sociais antes dos Jogos, em seu país de origem, com fotos em que se protegia, de forma excessiva, em relação ao risco do vírus da zika. As postagens “viralizaram”, o que lhe valeu uma série de provocações jocosas por parte da plateia olímpica.

Já o atleta francês, Renaud Lavillenie, competidor e recordista na modalidade de salto com varas, foi o que mais se queixou do comportamento hostil dos torcedores. Ele manifestou seu desagrado ante as vaias recebidas do público brasileiro, que apoiava enfaticamente o atleta brasileiro Thiago Braz. Lavillenie chegou a fazer uma comparação histórica do seu caso com o do atleta afro-americano Jesse Owens. Este, enquanto competia, fora hostilizado por suas origens raciais durante as Olimpíadas de Berlim, em 1936.

À diferença da hostilidade sofrida pelo atleta francês e pela goleira estadunidense, ídolos internacionais tiveram tratamentos menos reprováveis. O nadador norte-americano Michael Phelps, o tenista sérvio Novak Djokovic e o corredor jamaicano Usain Bolt, por exemplo, foram incentivados e, em alguns casos, ovacionados pela torcida brasileira.

No tocante aos quesitos técnicos, a infraestrutura dos Jogos logrou cumprir os padrões exigidos pelo COI. Ao menos, poucos problemas foram noticiados e registrados durante os dezesseis dias de disputa. Apesar de reportagens sobre a poluição da Lagoa Rodrigo de Freitas, questões ambientais não chegaram a prejudicar as competições náuticas. A enseada da Baía de Guanabara, cuja promessa de despoluição era um dos principais legados ambientais dos Jogos, foi liberada para as competições de vela, ainda que tenha permanecido poluída. Em um dos poucos incidentes, durante uma corrida, sacos de lixo se prenderam ao barco da equipe brasileira de velejadores.

Nas competições aquáticas, o caso mais notável de falha técnica foi a coloração esverdeada da piscina do Parque Aquático Maria Lenk. Conquanto não interferisse de maneira direta nos resultados, tanto a imprensa internacional quanto os nadadores mostraram-se indignados com o erro primário cometido, em meio às competições de salto ornamental e de nado sincronizado.

Se a infraestrutura apresentou problemas pontuais, a segurança funcionou com relativo êxito. Alardeada pela mídia antes do princípio dos Jogos, havia temores sobre um eventual atentado terrorista em solo brasileiro. O histórico de episódios desde as

Buarque B, Medeiros J. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 54-75.

Olimpíadas de Munique<sup>6</sup> tornava o Rio de Janeiro um alvo potencial do chamado terrorismo internacional. A desconfiança fez com que o Ministério da Justiça do Brasil agisse de forma preventiva e prendesse, a partir de monitoramentos feitos na Internet, doze brasileiros suspeitos de envolvimento com o Estado Islâmico.

Afinal, a propalada investida do “terror” não ocorreu, embora tenha havido, aqui e ali, sustos, sobressaltos e até fatalidades. Dentre estes, pode-se mencionar a explosão controlada de uma mochila durante um jogo de basquete; um projétil encontrado dentro da sala de imprensa em Deodoro; o apedrejamento de um ônibus que levava visitantes à Cidade Olímpica; e a prisão de três turistas suspeitos de planejar “ataque químico” durante os Jogos. Porém, nem mesmo toda a segurança foi suficiente para impedir a morte de um soldado do Exército, atingido na cabeça por um disparo ao entrar, por engano, no Complexo da Maré.

Dentro dos estádios, dos ginásios e das demais dependências desportivas, a atuação ostensiva da Força Nacional causou controvérsia na mídia. O clima de polarização política do país reverberou nos Jogos Olímpicos, que não escaparam de manifestações a favor e contra o presidente Michel Temer. Acusado da manobra política para apagar Dilma Rousseff da presidência, Temer foi vaiado na cerimônia de abertura, assim como ocorreu com a presidente afastada durante a abertura da Copa em 2014, em São Paulo.

Vaias também foram dirigidas ao prefeito da cidade. Nas arquibancadas e tribunas, torcedores estenderam cartazes “Fora, Temer”, aproveitando-se da conhecida visibilidade imagética dos megaeventos. No entanto, por se tratar de um ambiente privado, sob a supervisão do COI e do COB, o policiamento foi instruído a obstruir e remover todo e quaisquer tipos de mensagens políticas e de materiais alusivos. Feita a identificação, evacuaram-se do estádio os torcedores que se recusavam a seguir as recomendações. Moções de repúdio ao cerceamento da liberdade de manifestação multiplicaram-se na Internet, o que não impediu a manutenção do procedimento até o término dos Jogos. A segurança da população no dia-a-dia da cidade foi considerada insatisfatória, uma vez que ocorrências de assaltos e de agressões foram registrados nas delegacias.

Ao final da Olimpíada, um caso teve um enorme escândalo midiático. Trata-se da atitude do nadador medalhista Ryan Lochte que, acompanhado de outros três atletas,

Buarque B, Medeiros J. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 54-75.

declarou à imprensa que havia sido assaltado na zona sul da cidade, à saída de uma festa na noite carioca. Conforme ficou em seguida provado, Lochte e os demais desportistas norte-americanos falsearam o suposto assalto de que teriam sido vítimas e acabaram intimados a prestar esclarecimentos junto à Polícia Civil. Lochte e um dos atletas já haviam deixado o Brasil, mas os outros dois depoentes permitiram a reconstituição verídica do incidente.

A cerimônia de encerramento recebeu elogios, na mesma proporção que a festa de abertura. Os veículos de comunicação voltaram a destacar a receptividade carioca e a saudar o fim dos Jogos. A reiterada “paixão brasileira” pelo esporte tornou a ser assunto nas redes sociais, seja em círculos nacionais seja do exterior. A ritualística final dos Jogos deu um destaque especial aos servidores voluntários, anônimos que trabalharam durante toda a Olimpíada e que endossaram o etos amador preconizado pela competição.

### **Avaliação dos Jogos Olímpicos Rio 2016: percepções da população brasileira a partir das sondagens de opinião pública**

Vista de maneira retrospectiva, e de forma comparada à Copa do Mundo FIFA 2014, pode-se dizer, com base em um banco de dados montado ao longo de 2016, que a realização dos Jogos Olímpicos Rio foi, como um todo, percebida de modo positivo pela população. Para isto, é necessário considerar, de um lado, a percepção da população brasileira e, de outro, a abordagem adotada pela imprensa nacional em três momentos distintos: antes, durante e depois do megaevento esportivo.

De uma maneira geral, antes da cerimônia de abertura das Olimpíadas no Brasil, imperava uma considerável taxa de desconfiança e insatisfação de ambos os públicos analisados. Em contrapartida, após a festa de encerramento, a percepção generalizada, aferida em sondagens quantitativas de opinião pública, reconhecia o relativo êxito, na crença discursiva de que uma “missão nacional”, qual seja, organizar os megaeventos, fora bem cumprida pelo Estado e pela sociedade brasileira.

Em relação à percepção opinativa da população, cerca de um mês para o início das Olimpíadas no Rio de Janeiro, em julho de 2016, o Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – realizou uma pesquisa com os habitantes de todo o país<sup>†</sup>. Em pesquisa realizada entre 14 e 18 de julho de 2016, o Instituto entrevistou 2.002

---

<sup>†</sup>Disponível em: <https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/maioria-dos-brasileiros-torce-pelo-sucesso-da-olimpiada-apesar-de-nao-perceber-beneficios-para-o-pais/>.

Buarque B, Medeiros J. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 54-75.

pessoas, distribuídas em 141 municípios brasileiros<sup>‡</sup>. Os resultados da sondagem, naquele momento, evidenciavam uma apreciação e uma expectativa negativa acerca dos Jogos. Segundo a apuração feita na ocasião, 60% da população acreditava que o megaevento traria mais prejuízos do que benefícios para o Brasil.

Entrementes, quando questionados a respeito das consequências específicas do torneio para a cidade do Rio de Janeiro, o resultado mudava de maneira sensível. Neste aspecto, foi possível identificar um equilíbrio na percepção, uma vez que 47% dos entrevistados acreditavam que teriam mais prejuízos e, de modo contrário, 46% indicavam maior prevalência de benefícios.

O mesmo instituto realizou uma pesquisa semelhante, em maio de 2014, há cerca de um mês da partida inaugural da Copa do Mundo daquele ano<sup>§</sup>. A enquete continha uma pergunta similar. Desta feita, o interesse era mensurar a percepção da população em relação ao torneio organizado pela FIFA. Para 43% dos entrevistados, a Copa do Mundo no Brasil acarretaria mais benefícios ao país e, de modo contrário, 40% acreditava em mais malefícios. Assim, pode-se inferir que a perspectiva dos brasileiros em relação ao megaevento futebolístico internacional era mais positiva se comparada à do recente megaevento olímpico sob os auspícios do COI.

Além dessa dimensão, a sondagem de julho de 2016 do referido instituto de opinião pública investigou outros dois temas. O primeiro deles identificava se a preocupação do entrevistado com os Jogos Olímpicos se dava mais com o desempenho esportivo do país no quadro de medalhas ou se conferia mais importância ao aspecto organizacional. Decerto que os brasileiros ansiavam por resultados positivos nas duas frentes, porém o questionário exigia que o entrevistado decidisse por uma opção apenas. Destarte, 59% disseram ser mais importante o sucesso da organização do evento, enquanto 31% decidiram pela melhor colocação no quadro de medalhas.

Em paralelo, no cotejo com pesquisa similar, a respeito da Copa do Mundo FIFA 2014, o Ibope computou 51% das respostas que destacavam preferência maior pela obtenção do título da Seleção nacional, desejando-a ver hexacampeã mundial no Maracanã. Desta forma, a comparação das duas pesquisas por amostragem permite verificar pesos distintos dos brasileiros no tocante ao sucesso do país em cada evento,

---

<sup>‡</sup> De acordo com o instituto, a margem de erro era de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, em um intervalo de confiança de 95%.

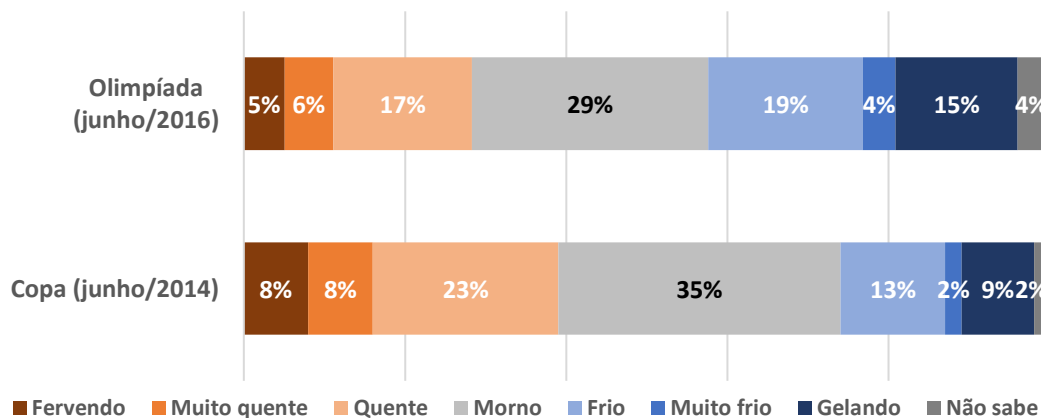
<sup>§</sup> Disponível em: [https://www.cesop.unicamp.br/por/banco\\_de\\_dados/v/4515](https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/4515).

visto que a expectativa do desempenho esportivo no torneio da FIFA era vinte pontos percentuais maior do que a aferida para os Jogos Olímpicos.

O segundo tema, abordado pelo Instituto na pesquisa de julho de 2016, tratou de dimensionar o interesse da população pelos Jogos Olímpicos. Para isto, o entrevistado foi instigado a atribuir um posicionamento pessoal face ao seu grau de interesse no megaevento esportivo internacional. As opções de resposta oferecidas eram compostas por sete categorias, que oscilavam entre “fervendo”, “muito quente”, “quente”, “morno”, “frio”, “muito frio” e “gelando”.

Conforme o relatório da amostra, 38% dos entrevistados indicaram respostas como “frio”, “muito frio” ou “gelando”. Trata-se, portanto, de menções que sinalizavam para um notório desinteresse da população. Ademais, 29% das menções eram neutras, indicadas pela categoria “morno”, e 28% escolheram opções de resposta que denotavam interesse pela Olimpíada. Apenas 5% dos entrevistados optaram pela categoria “fervendo”, ou seja, o mais elevado grau de interesse.

Gráfico 1 – Intensidade do interesse pelo megaevento esportivo internacional no Brasil.



Fonte: Ibope (pesquisas de maio de 2014 e julho de 2016).

É provável que essa percepção mais negativa tenha sido parcialmente impactada pela conturbada conjuntura político-econômica nacional. Porém, assim que os Jogos Olímpicos Rio 2016 tiveram início, percebe-se que a opinião pública nacional assistiu a uma inflexão. Talvez tenham contribuído para a mudança, dentre outros fatos: o impacto positivo da cerimônia de abertura; o entretenimento com os diversos destaques midiáticos

Buarque B, Medeiros J. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 54-75.

das competições de alto rendimento; a organização, sem maiores percalços ou escândalos; e o envolvimento com as primeiras disputas por medalhas do quadro brasileiro.

Para dar conta deste *turning point*, uma rodada de pesquisa do Ibope \*\*, em agosto de 2016, produziu novos dados para as mesmas questões apresentadas meses antes do início do torneio.

De acordo com os resultados dessa última sondagem do referido Instituto, a pesquisa, realizada entre 11 e 15 de agosto de 2016, mediante 2.002 pessoas entrevistadas, em 142 municípios brasileiros, de todas as regiões do país, apurou que 62% dos entrevistados apontavam mais vantagens do que desvantagens à cidade-sede. Assim, são dois pontos percentuais a mais que antes do início do megaevento. Se consideradas as consequências para a cidade do Rio de Janeiro, o resultado é de maior adesão aos Jogos Olímpicos, visto que 54% dos entrevistados acreditavam em mais benefícios e dividendos. Trata-se, pois, de oito pontos percentuais a mais do que o resultado obtido na pesquisa anterior.

Outro resultado da pesquisa reforçou a modificação de posição por parte da opinião pública. 57% dos respondentes acreditavam em melhora na imagem do país no exterior, com a realização do megaevento internacional na cidade do Rio. Desta feita, mais da metade da população confiava em resultados positivos ao organizar o evento capitaneado pelo COI.

Em conformidade com esta percepção, 42% dos brasileiros consideravam os Jogos Olímpicos como “ótimo” ou “bom”, ao passo que 30% o classificaram como sendo “regular”. Por fim, menos de ¼ dos respondentes o julgavam “ruim” ou “péssimo”. Desta forma, a avaliação geral dos Jogos Olímpicos Rio 2016 passou a ser majoritariamente positiva, sendo percebida pela população como benéfica para a projeção da imagem do Brasil no exterior.

Apesar disto, convém dizer que permanecia a ideia difusa segundo a qual a organização do megaevento no país gerava mais malefícios que benefícios, sobretudo pelo alto custo financeiro para a sua consumação. A isto, acrescia-se a grave crise econômica atravessada pelo país e, em particular, pelo estado do Rio de Janeiro, que dias

---

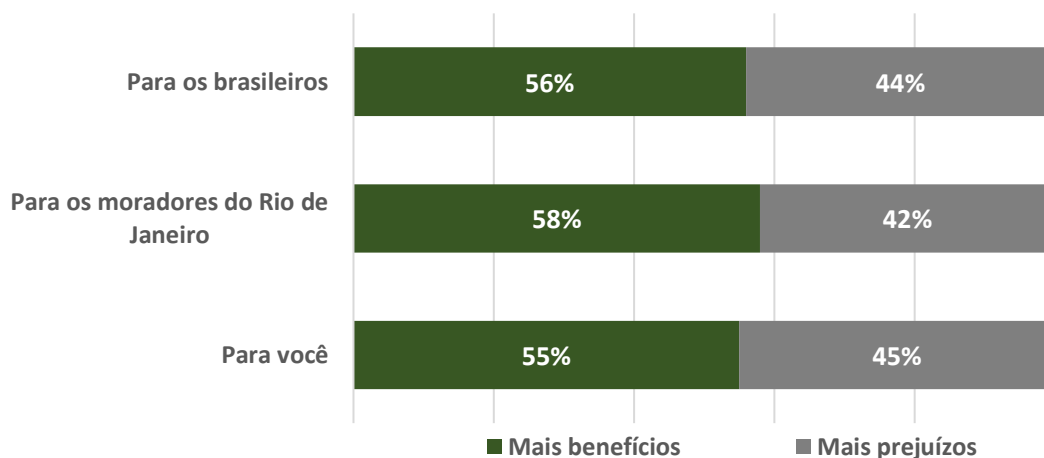
\*\* A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, em um intervalo de confiança de 95%. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/opiniao-de-brasileiros-sobre-rio-2016-e-ambigua/>.

antes do evento decretara falência e, em ato de desespero, contraía novo montante de dívidas junto à União.

Corroborando essas conclusões, o Datafolha<sup>††</sup>, outro importante instituto de pesquisa quantitativa e estatística, mensurou nos dias 23 e 24 de agosto, isto é, terminada a Olimpíada, a opinião do cidadão carioca a respeito dos JOs. Com base em escala análoga à utilizada, anteriormente, pelo Ibope, o órgão entrevistou 986 pessoas na capital fluminense. Neste levantamento, o entrevistado deveria informar se, agora que o megaevento internacional findara, o mesmo iria gerar mais benefícios do que prejuízos – ou mais prejuízos do que benefícios – em três situações distintas: para os brasileiros, em geral; para os moradores do Rio de Janeiro, em particular; e, por fim, para o próprio entrevistado, em específico.

O gráfico 2 reúne a percepção da população carioca sobre essa questão e evidencia como resultado da sondagem mais benefícios, pois, para as três situações, a categoria positiva sempre somou mais da metade das respostas válidas. Apesar disso, são identificadas mais vantagens para a capital fluminense (58%), sobretudo em virtude do chamado legado e do provimento de equipamentos construídos, do que para o próprio respondente, um dos responsáveis por custear a realização dos Jogos (55%).

Gráfico 2 – Avaliação dos benefícios e prejuízos com a realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016.



Fonte: Datafolha (pesquisa de 23 e 24 de agosto de 2016)

<sup>††</sup> A margem de erro é de três pontos percentuais, para mais ou para menos, e o intervalo de confiança é de 95%. Disponível em: [https://www.cesop.unicamp.br/por/banco\\_de\\_dados/v/361](https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/361).

### **As Olimpíadas online: um acompanhamento das agências de notícias e de seu papel na construção do significado do evento**

Exposto o quadro das sondagens de opinião, com base em uma estrutura temporal ternária – antes, durante e depois – enfocam-se doravante as fontes jornalísticas, com a sistematização das consultas aos sites de notícias. O acompanhamento dos portais permite verificar, de igual maneira, uma mudança de atitude na abordagem adotada pela imprensa nacional – se comparado o conteúdo nas três cronologias – nas reportagens e matérias sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016.

O conteúdo deste material, colhido entre 12 de julho e 02 de setembro de 2016, perfaz um total de cinquenta dias. Sua leitura possibilita a identificação, como no caso dos Institutos de pesquisa, da passagem de um enfoque mais crítico e negativo para, à medida que avançaram as competições, um ponto de vista mais favorável ou positivo.

Assim, parte-se da constatação de que a abordagem jornalística seguiu em sintonia com as estatísticas oferecidas pelas sondagens de opinião pública brasileira, como que influenciando-se de modo recíproco. Para tanto, em um período de quase dois meses de coleta, os sítios mais acessados foram: UOL, IG, El País, EBC, Folha de São Paulo, Globo.com, Jornal do Brasil, Carta Capital, BBC, IstoÉ e Época. Mais que a população, pode-se dizer que as expectativas dos veículos de notícias, cerca de um mês antes do início da primeira olimpíada sul-americana, eram bastante negativas.

Reportagens e avaliações em revistas e blogs especializados, feitas tanto pela mídia nacional quanto internacional, citavam os já mencionados atrasos no cronograma de obras dos equipamentos esportivos; o valor elevado, para não dizer astronômico, da sua execução, haja vista o orçamento inicial de dezessete bilhões de dólares, que ao longo dos preparativos subia à marca dos trinta bilhões; os crônicos problemas de congestionamento do trânsito carioca e a opção política de favorecer a Barra da Tijuca, em detrimento de áreas mais necessitadas de investimento viário pelo poder público; e, last but not least, a periclitante onda de violência urbana, tão real quanto fantasmagórica.

Nos meses que antecederam as Olimpíadas, essas impressões deram boa parte da tônica de suspeição quanto ao êxito do megaevento e à capacidade empreendedora de seus organizadores, seja o COB, seja o COI, seja o governo brasileiro.

Entretanto, observa-se na leitura da imprensa virtual que o descrédito foi-se transformando em apoio, em satisfação e até em euforia com a aproximação da

competição. Isto decorre, é evidente, do fato de que os meios de comunicação têm na cobertura dos Jogos não apenas o interesse de reportar informações, como se trata de um produto comercial a ser vendido e consumido, após a compra dos direitos de exclusividade e de transmissão das partidas pelas emissoras de transmissão.

Isso posto, com o objetivo de acompanhar o sentido dessa alteração perceptiva por parte dos órgãos analisados, foram selecionadas 84 notícias, extraídas dos referidos jornais, revistas e portais informativos na internet. Para fins de enquadramento, todas as notícias foram classificadas como sendo positiva, neutra ou negativa, de acordo com o seu conteúdo e com o enfoque adotado para a sua divulgação.

Desse conjunto total de notícias, 19 foram classificadas como sendo positivas, ao passo que 18 foram enquadradas em neutras, enquanto 47 receberam a qualificação de negativas. De início, é possível constatar que a quantidade de notícias veiculadas com abordagem negativa é superior ao somatório das classificadas como positivas e neutras (ver Tabela abaixo).

Apesar disso, uma estratégia mais interessante para analisar esse conteúdo é seguir a periodicidade das postagens e das publicações vis-à-vis o calendário dos Jogos Rio 2016. Afinal, se a opinião pública modificou a ênfase de sua avaliação, é de se conjecturar que o temário jornalístico também poderia ter-se transformado, segundo o critério temporal que adotamos para escandir os fatos: “antes”, “durante” ou “depois” dos torneios. Assim, do total selecionado, 34 foram noticiadas antes do início das Olimpíadas, 37 foram divulgadas durante a realização dos Jogos e 13 após o seu encerramento.

Conforme organizado na Tabela 1 que segue, pode-se comparar a modulação jornalística – se positiva, neutra ou negativa – para cada uma das três fatias temporais do evento, conforme enunciado acima. Se, no período anterior aos Jogos, 59% das notícias eram negativas e 24% positivas, após a sua conclusão a proporção quase que se inverte. Esta somou, respectivamente, 23% e 56%. Ou seja, as variáveis assistiram a uma proporção maior na ênfase negativa, em favor de uma abordagem mais positiva.

Tabela 1 – Resumo da classificação das notícias selecionadas (casos e %).

	Positivo	Neutro	Negativo	Total		Positivo	Neutro	Negativo	Total
Antes	8	6	20	34	Antes	24%	18%	59%	100%
Durante	5	8	24	37	Durante	14%	22%	65%	100%
Depois	6	4	3	13	Depois	46%	31%	23%	100%
Total	19	18	47	84	Total	23%	21%	56%	100%

Fonte: os autores.

Antes do início dos Jogos Olímpicos, a tônica da imprensa online esteve voltada, entre outras pautas, para o ônus do evento ao Brasil, para a prisão dos doze brasileiros suspeitos de terrorismo ou mesmo para a informação dada por um parlamentar francês acerca do risco de atentado terrorista no Brasil. As críticas à qualidade dos alojamentos da Vila Olímpica também ocuparam boa parte do espaço jornalístico, assim como deu-se relevo aos questionamentos do COI e das delegações australiana, chilena, sueca e argentina à sujeira, à falta de água e às condições de habitação dos apartamentos destinados aos atletas.

Ainda a respeito da área residencial dos competidores, casos de furto e até de estupro tiveram destaque pela imprensa nacional e internacional. Esta também alardeou a possibilidade de contágios e de doenças causadas pelo vírus da zika, que então grassava descontrolada na cidade. Em menor proporção, havia destaque positivo para a organização das instalações e dos equipamentos esportivos, como a Arena Corinthians, em São Paulo, que receberia partidas válidas para o futebol masculino e feminino. Destacou-se também a disponibilidade de recursos financeiros para a realização do megaevento, por parte da Prefeitura da cidade, e a campanha para a inclusão e para a participação de atletas refugiados.

Ao longo da realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016, ganhou evidência a crise política nacional e a turbulência institucional vivenciada pelo Brasil. Esta se expressou durante a cerimônia de abertura, com as vaias ao presidente da República, Michel Temer, recém-empossado após a conclusão do longo processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Junto aos apupos, houve tentativas de protesto nos locais de realização das partidas, com o uso de cartazes e com palavras de ordem entoadas no interior dos ginásios e dos parques olímpicos, pautando muitas das matérias.

As forças de segurança nacional envidaram esforços para impedir tais manifestações e, em alguns casos, torcedores foram retirados à força das arquibancadas.

Buarque B, Medeiros J. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 54-75.

No quesito violência, um dos incidentes traumáticos do megaevento foi a bala perdida que atingiu o prédio do Centro de Comunicações das Olimpíadas, em Deodoro, causando repercussão negativa no noticiário. Outrossim, a morte de um agente da Força Nacional de Segurança Pública, na entrada de uma favela carioca, foi outro episódio que repercutiu muito negativamente para a imagem do evento.

Enquanto o caso da piscina com problemas no tratamento de águas tenha recebido críticas de atletas e de jornalistas, o procedimento adotado para solucionar a questão foi abordado de forma neutra ou positiva pelos portais analisados. Em chave distinta, o clima olímpico, com a participação popular no bulevar olímpico, a revitalização da zona portuária, as disputas esportivas e as cerimônias para a entrega das medalhas, foram todas matérias mencionadas de maneira positiva pelas agências de notícias

Assim que se encerraram as festividades olímpicas, a realização dos Jogos Paralímpicos recebeu atenção. Passou-se, de início, a salientar a falta de recursos financeiros disponíveis. Esta foi solucionada, em parte, pelo crescimento de interesse no novo torneio porvir e na venda mais barata de ingressos para as suas competições, graças a acordos selados nas três esferas de poder executivo – municipal, estadual e federal. Com ênfase positiva, as notícias abordavam o aproveitamento de alguns locais de competição, como centros de treinamentos esportivos de alto rendimento, e a sua transformação em escolas e piscinas. Estes foram, pois, considerados parte do legado olímpico à cidade e à população.

Em adendo, a solução empregada para equacionar o falso relato de crime sofrido pelo atleta estadunidense teve estrondosa reverberação na imprensa do mundo e ocupou as manchetes durante pelo menos duas semanas. A insistência no processo surtiu efeitos positivos para o país, visto que a investigação da polícia local foi capaz de desconstruir o relato falacioso e de elucidar a versão que procurava denegrir a imagem da população brasileira.

O fecho do ciclo dos megaeventos esportivos acarretou uma avaliação positiva por parte da mídia virtual. Crises política e econômica à parte, o país teria demonstrado, segundo os relatos a posteriori do evento, sua capacidade de organizar duas das maiores e das mais importantes competições esportivas do planeta. Tudo isto, para volver ao bordão do presidente do COI, Thomas Bach, “à la brasileira”.

Isso é, sublinhava-se que o evento olímpico teria transcorrido a contento, mas não se deixava de reforçar o estereótipo da ambiguidade constitutiva do imaginário brasileiro. Este, ao reunir alegria e emoção – lembre-se que o slogan da candidatura brasileira preconizava o “Viva sua paixão” – era constituído sob a égide do improvisado, sendo assim exitoso, ainda que leniente com os atrasos de calendário, com as deficiências de planejamento e com o inacabamento de algumas instalações.

### **À guisa de conclusão**

Pode-se dizer que os dados apresentados acima versaram sobre basicamente duas variáveis narrativas centrais: uma primeira, de caráter organizacional, diz respeito à atuação do Estado e das autoridades público-privadas, responsáveis pelas obras e pelo conjunto dos serviços a serem oferecidos durante o evento<sup>7</sup>; uma segunda, de caráter performático, relaciona-se ao desempenho dos atletas nas pistas, nas quadras e nos estádios, com as perspectivas nutridas pela população brasileira acerca da supremacia técnica e da performance dos competidores de seu país<sup>8</sup>.

Grosso modo, o levantamento estatístico e a apuração do noticiário virtual indicam que a população entrevistada se mostrava até certo ponto cética e/ou indiferente antes do começo do torneio, percepção acentuada pela crise na conjuntura político-financeira e pelos constantes questionamentos da opinião pública quanto à exorbitância dos custos e à oneração dos governos federal e municipal. Sem embargo, na medida em que o evento transcorreu, as percepções atenuaram a preocupação geral com os gastos econômicos e de infraestrutura. Deslocaram-se assim para outro polo, a tratar da variedade das disputas e da atratividade do evento em si.

Embora não seja possível aferir a influência direta de uma sobre outra, isto é, a linearidade das relações de causa e efeito entre o que foi apurado junto à opinião pública e o que se verificou nas postagens das agências midiáticas de notícias, como se sabe entes mediadores entre os fatos e o público, parece clara em ambas a coincidência de uma oscilação de caráter pendular. Os anos, e em seguida os meses, que precedem o princípio do torneio são marcados por impressões e por dados quantitativos via de regra negativos. Neste momento, a preocupação com a parte econômico-administrativa prepondera, sublinhando-se as debilidades e a inconstância dos governos brasileiros na tarefa de corresponder às suas atribuições e responsabilidades.

À desconfiança com a ação governamental, sucede, *pari passu* com o princípio e com o desenrolar do torneio, uma melhoria generalizada na percepção do público. O estímulo deflagrado pela chegada dos competidores e dos visitantes propicia a suspensão da rotina, mediante uma ambiência festiva e um caráter extraordinário da competição. Estes sobressaem em meio aos inúmeros problemas de ordem logístico-gerencial.

O interesse pelas modalidades, pelos atletas brasileiros e pelas atrações internacionais do megaevento corre em paralelo aos empecilhos vivenciados pelo público no cotidiano das disputas. Galvanizados pela promoção massiva do evento, os frequentadores fruem os jogos e abstraem os problemas enfrentados, sejam os de compra de ingressos, de filas para entrada, de insuficiência das redes de abastecimento e alimentação, de ação despudorada dos cambistas, dentre outras barreiras.

Tende-se a verificar desse modo um mecanismo geral de neutralização entre as positivities do torneio e as negatividades da organização, com a anteposição da lógica da emoção à da razão, para dizer de modo sumário e esquemático. Por fim, na esteira da cerimônia de encerramento, alvo de generalizados comentários elogiosos dos meios de comunicação nacional e internacional, e da postura proativa das redes sociais, verificou-se a tendência macroscópica a julgar as Olimpíadas como um “êxito” ou “sucesso”, minimizando os diversos problemas e acentuando as virtudes do seu saldo geral.

Donde se conclui que, dentre as diversas maneiras de avaliar a realização dos XXXI Jogos Olímpicos de Verão, os indicadores valorativos acima apontados foram úteis para uma compreensão geral do torneio. Isto se deu, ainda que se esteja ciente dos limites do emprego de uma via quantitativa ou daquela simplesmente circunscrita ao filtro dos meios de comunicação. Sabe-se que seria possível chegar a um conhecimento científico diverso ou a um escrutínio diferenciado do significado das Olimpíadas no Brasil, tal como feito, em outra oportunidade, por um antropólogo da qualidade de Roberto DaMatta<sup>9</sup>.

A percepção da população, tal como mensurada pelos números dos institutos de pesquisa, e a seletividade das notícias, tal como coligidas na imprensa online, foram os meios aqui escolhidos para compreender os sentidos atribuídos e construídos acerca dos megaeventos na atual conjuntura brasileira, marcada pela instabilidade, pela perversidade e por uma série reviravoltas político-sociais no alvorecer do século XXI.

Buarque B, Medeiros J. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2020; 4: 54-75.

## Referências

- 1 Eco U. Viagem pela irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1984. A falação esportiva; 220-226.
- 2 Becker J-J. A opinião pública. In: Remónd R. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2003. p. 184-212.
- 3 Jeanneney J-N. A mídia. In: Remónd R. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2003. p. 213-230
- 4 Marques JC. Tá tranquilo, tá favorável: a cobertura brasileira dos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Revista USP – Dossiê Jogos Olímpicos*. 2016; 108: 57-66.
- 5 Mascarenhas G. Rio de Janeiro 2016: a cidade em movimento. *Revista USP – Dossiê Jogos Olímpicos*. 2016; 108: 49-56.
- 6 Piperno F. Jogada política no esporte: o confronto entre os jogos políticos e os esportes olímpicos. São Paulo: Editora SESI-SP; 2016.
- 7 Matias W, Athayde, PF, Mascarenhas F. Políticas de esporte nos anos Lula e Dilma. Brasília: Thesaurus; 2015.
- 8 Goellner SV. Jogos Olímpicos: a generificação dos corpos performantes. *Revista USP – Dossiê Jogos Olímpicos*. 2016; 108: 29-38.
- 9 DaMatta R. A bola corre mais do que os homens. Rio de Janeiro: Rocco; 2006. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil; 172-204.